

RITUAIS NA CIDADE

Índios dizem não à aculturação

Fotos: Antônio Lima - Especial para A CRÍTICA

EM PLENA ÁREA URBANA É POSSÍVEL SE DEPARAR, COM RITO INDÍGENAS. QUEM SAI DAS ALDEIAS EM BUSCA DE ESTUDO TRAVA BATALHA PARA PRESERVAR IDENTIDADE

NORIMAR MILLER

Um apito anuncia que mais um ritual vai começar. O somido longo e estridente tem na cerimônia a função de acordar as tucandeiras, mas também despertar o índio para a importância de manter vivas suas tradições. O rito de passagem do menino para homem, a Dança das Tucandeiras, não está restrito às antigas comunidades indígenas. O povo sateré-maué está inserido e organizado na cidade lutando para preservar sua cultura, apesar de incorporar alguns costumes não-indígenas. São mais de 20 mil indígenas em Manaus. Alguns estudam, trabalham, se vestem e se divertem como o homem branco, mas não significam que estão perdendo sua identidade, garantem eles.

"A nossa maior preocupação é criar nossos filhos nos mesmos costumes, no idioma e na comida. Tentamos não mudar muita coisa, mas também mostramos que estamos em contato com os não-indígenas (anteriormente designados brancos) e, por isso, é necessário admitir alguns costumes para uma boa convivência", diz o tuxaua Manuel da Silva Sateré, 50, destacando a importância de se adaptar aos dois costumes, se acoplando à sociedade.

A necessidade de adquirir novos costumes surge com o convívio. "Orientamos todos para estudar. Quando conversar tem que saber falar, se portar e se vestir. Ninguém é melhor do que

ninguém", comenta, citando esse exemplo de como lidam com a discriminação.

A ticuna Maria Alcemira Bastos, 27, conta que sofreu muita discriminação quando decidiu estudar. "Não sabia falar português e os outros me chamavam de muda e faziam gracinhas", lembra. Ao invés de se menosprezar, optou por estudar e hoje se destaca no curso de lideranças indígenas. Pensa em estudar e retornar à comunidade para repassar o conhecimento, fazendo com que os outros valorizem a própria cultura. "Tenho orgulho de ser índia e ainda manter minhas tradições. Comparo a minha cultura com a branca, mas só assimilo o que acho correto."

RESGATE

Emerson Curico Rodrigues, 26, quando encontra os outros colegas ticunas faz questão de conversar na língua materna. Há seis anos em Manaus, veio com a finalidade de estudar e retornar ao seu local de origem. "Hoje todos nós estudamos, mas tenho pouco conhecimento sobre minha história. Os antigos sentem saudades de muitos costumes perdidos, mas acho que os mais novos ignoram", comenta. Ele conta que quando é vítima de alguma discriminação faz questão de ressaltar seu orgulho indígena. "A Região Amazônica é indígena. Quem está aqui é índio."

A tariana Lorena Marinho Araújo, 20, está estudando para resgatar sua história. cursando História na Universidade do Amazonas (UA), ela está há três anos longe da tribo e lamenta a perda da cultura. "Essa perda começou com a chegada dos missionários. Meu avô já não falava mais sobre as nossas tradições. Não sei quase nada sobre meu povo", lamenta.

A escolha do curso se deu justamente pela angústia em que vive para saber mais sobre ela mesma.

Andréia Mayumi



COSTUMES Índio sofre na Dança das Tucandeiras para provar sua coragem diante de formigas-de-fogo

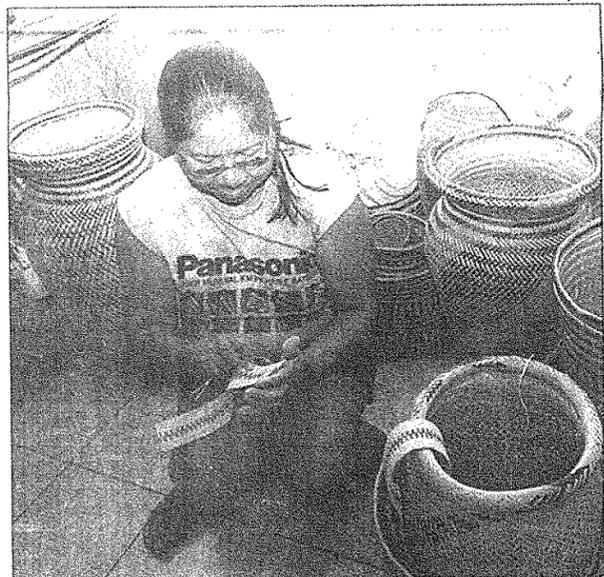


A CARÁTER Convidados para a festa aguardam para ver a passagem de menino para homem

"Estou me empenhando e vou conseguir pesquisar sobre meu povo", diz, confiante. "Agora é diferente. Nós, indígenas, estamos valorizando mais nossa cultura."

O objetivo final de Lorena

também é aprender para retornar à sua terra e ensinar, resgatando todas as tradições.



RENDA Membros da Amarn sobrevivem do artesanato

Luta pelas tradições

Desde 1984, a Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (Amarn), vinculada ao Movimento Indígena Organizado, tenta manter as tradições indígenas. "Nosso objetivo é reunir, representar e desenvolver atividades junto às mulheres indígenas da região do Alto Rio Negro que residem em Manaus", diz a presidente Maria Gorete Fonseca Chaves, 36, do povo tukano.

São 49 mulheres de diversas etnias como dessano, tariano, arapaso, que desenvolvem atividades artesanais, fonte de renda para a associação e suas associadas. "Aqui é o nosso lugar de afirmação e reafirmação étnica e cultural", garante Maria. Para ela, se hoje muitos costumes estão perdidos a culpa é do próprio povo. "Os mais velhos muitas vezes não repassam seu conhecimento

para os mais novos, que, por sua vez, também não querem ouvir. A mãe deve dizer para o filho toda a história de seu povo, pois só assim nossa cultura estará sendo mantida."

Preservando alguns costumes, fazendo artesanato, usando a língua materna e se alimentando de comidas típicas como munjeca, beiju, chibé, caiçuma e caxiri, entre outras, as mulheres garantem estar mantendo as tradições, valorizando sua etnia. Na sede da associação, elas produzem e vendem diversos tipos de artefatos indígenas. São bolsas, porta-jóias, redes, chapéus, colares. A matéria-prima, garante Maria, o tucum (palmeira de folhas fibrosas) é oriunda do Alto Rio Negro. Também são vendidas cestarias como balaíos, urutu e tipiti feitos de fibras de aumã, que são fabricados pelos indígenas nas aldeias.

OPINIÃO DE ANTROPÓLOGO

'Preconceito no Brasil é velado'

Para o antropólogo José Ademir Ramos é importante definir o que é ser índio. "É ter uma identificação com sua cultura de origem e sustentar um vínculo comunitário, firmando uma identidade étnica." Alguns ainda preferem se esconder, completa, fingindo não lembrar de sua cultura, mas isso é uma espécie de se auto-preservar. "O preconceito no Brasil é bastante velado. Ser índio não está na forma de se vestir ou falar, mas na reafirmação de sua própria identidade."

Como a Amazônia se caracteriza por diversidades culturais, elas se juntam numa mesma luta, que é pelo direito, apesar de serem diferentes etnicamente. "São 20 mil indígenas vivendo na cidade. Alguns organizados e outros isolados, mas dispõem de diversas organizações que proporcionam

esse encontro. O que aproxima esses índios uns dos outros é o senso de comunidade, por isso querem sua continuidade na história" Quanto às perdas culturais, Ademir comenta que esse distanciamento não é voluntário. Se deu por uma série de fatores como a Guerra Justa, os aldeamentos, exploração da força de trabalho e a discriminação que perdura até agora. A escola do passado, destaca o professor, ensinou o índio a não se índio e a ser gente, que era ser cristão e, com isso, muitas tradições foram perdidas e hoje tenta-se o resgate. "Podemos ver a cultura como apropriação de valores e novas tecnologias. Aqui entra o papel da educação que tenta sustentar esse valor comunitário. É essa a angústia de todo indígena que vive na cidade. Quando se distancia se sente só e perde laços comunitários."

Reaprendendo a cultura

A dessana Zilma Saldanha da Silva, 25, diz que é difícil perceber a imposição de outras culturas sobre a sua, a indígena. Como exemplo cita a perda da língua materna. "Antes se falava o nheengatu e o português e hoje só o português."

Ela conta que começou a se sentir mal quando os professores perguntavam por seus costumes e ela não sabia responder. "Aí comecei a abrir meus olhos e ver que precisava me conhecer para me valorizar." Na sua época as coisas estavam todas modificadas, tanto que não se lembra de ter participado de nenhum rito. "Acho bom estudar e adquirir conhecimento, mas sem perder a nossa cultura."

A maior dificuldade, no entanto, foi em relação ao dinheiro. "Na cidade tudo depende do dinheiro. Ao contrário do povoado onde se caça e pesca, fazemos farinha e assim vamos vivendo", diz.